



# VI Simpósio Nacional de HISTÓRIA CULTURAL

Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

## **PORÕES E SALÕES, MUNDOS ANTAGÔNICOS EM UMA SOCIEDADE HIERARQUIZADA: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE SÃO LUIS DO MARANHÃO NO ROMANCE DE JOSÉ NASCIMENTO MORAES (1900-1915)**

Helayne Xavier Bras\*

1

A última metade do século XIX e o início do XX foi um momento de mudanças substanciais no contexto político e social brasileiro. O intelectual ganha uma possibilidade de agir de maneira mais consistente na sociedade. Foi a hora em que os intelectuais não apenas registravam as mudanças que observavam na literatura mas a usava para mostrar a realidade “por trás da fachada”, ou assim pretendiam eles. Eles queriam agir como orientadores daquela sociedade que se estava construindo e porque acreditavam ser necessário resolver problemas que não podiam ser mantidos no novo regime. Conforme Sevcenko (2003), quando perceberam essa possibilidade de aumentar seu poder de ação, os intelectuais tentaram levá-la até as últimas conseqüências:

Pregam reiteramente a difusão da alfabetização para a “redenção das massas miseráveis”. Desligados da elite social e econômica, decrescentes da casta política, mal encobrem o seu desejo de exercer

---

\* Graduada em História (UFMA). Graduanda em Letras (UFMA). Mestranda em História Social, pelo Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal do Maranhão sob a orientação do Dr. Dorval do Nascimento. Aluna bolsista da Fundação de Amparo a Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA).

tutela sobre uma larga base social que se lhes traduzissem em poder de fato. (SEVCENKO, 2003, p. 119)

No Maranhão, a situação não era diferente, o intelectual era o mesmo senhor vindo das fazendas ou o filho do rico comerciante. Nesse contexto, Nascimento Moraes aparece como o intruso do quadro, o homem vindo da classe humilde, pobre, e abandonada, e talvez por isso observador mais atento, porque vivenciador dos problemas sociais do povo da sua terra.

O livro *Vencidos e Degenerados* (1915) apresenta-se como uma obra síntese do pensamento político e social que seu autor, José Nascimento Moraes, defendeu em parte de sua carreira intelectual. Percebemos a obra como uma consequência do desejo de mudança incentivado pelo limiar do novo século e com o advento da República.

José Nascimento Moraes distinguiu-se no quadro intelectual maranhense por sua origem humilde e sua ascendência africana. No entanto, conseguiu ingressar na elite intelectual do seu estado e firmar-se como uma figura de prestígio, com intensa participação na vida jornalística da cidade de São Luis, e também como simpatizante da política do Estado Novo, regime em que participou através do auxílio que prestou na administração do interventor Paulo Ramos. Infelizmente não nos deteremos na trajetória desse intelectual, apenas assinalamos esses fatos por ele ter feito deles um alicerce discursivo sobre o qual firmou sua carreira. O fato de ser filho de ex-escravos e de ter vivenciado e testemunhado os acontecimentos que tocaram a massa popular da cidade de São Luis no período logo após a Abolição da escravatura acaba escoando para o enredo do seu único romance, *Vencidos e degenerados*. Acontecimentos e consequências que Moraes usa como matéria para as representações que fez daquele momento e que cristalizou na forma de escrita.

Com uma narrativa em que predominam o diálogo e certo humor mordaz, por conhecer tão bem os vícios da sua terra, o autor de *Vencidos e Degenerados* pinta um quadro um tanto disforme, enumerando as mazelas da cidade de São Luis, não deixando de negar aos seus personagens o estigma que julgava perseguir aos ludovicenses desde o berço e por causa dele, principalmente, o grande mito da época: o da Atenas Brasileira, e de que forma ele foi vivido, desejado, e frustrado pela juventude da cidade. Não deixa menos claro a predominância do preconceito racial, motivo pelo qual muitos chegam a

comparar esse livro com *O Mulato*, de Aluísio Azevedo. Ambos os romances são apontados por desmascararem as práticas mais torpes e cruéis daquela sociedade.

A historiografia maranhense mostra que a elite ludovicense enriqueceu-se e aprumou-se à custa da lavoura agroexportadora. Embora problemática e deficiente esta lavoura forneceu alguns dividendos aos fazendeiros nos momentos que a conjuntura mundial assim o permitiu. Sob a égide da economia flutuante constroem-se grandes sobrados, pomposos redutos de barões e políticos, à moda arquitetônica portuguesa. No entanto, entremeados a esses casarões constroem-se outros tipos de habitações denunciadoras da origem e situação econômica de seus donos. Assim como se dava no plano socioeconômico, a urbe ludovicense se desenvolvia de forma desigual, casarões e cortiços disputavam o espaço.

O ambiente discrepante que se insinua tende a ser barrado, leis municipais são formuladas no intuito de organizar e possibilitar o embelezamento visual da urbe. No entanto, apesar de o código de Postura de 1869 em seu artigo nº 59 estabelecer um padrão para o desenho urbano, este não se concretiza na prática. São Luís bem reflete os conceitos de “cidade ideal” e “cidade real”. A contradição entre o almejado e o concreto dá-se em todos os níveis: estéticos, morais e culturais.

Percebe-se que no plano visual da cidade, tal qual Moraes apresenta no romance, antevê-se a hierarquização social e as construções imagéticas que ela e seu povo fazem. Nos becos, ruas e praças transitam e se cruzam as classes antagônicas, mistura de suor e talco; de prepotência e ironia; aprumo e desleixo. Da Rua da Palma, potentado dos endinheirados (ou assim realizados) à Rua do Pantaleão, bairro popular de “grande movimento e pagode”. Como podemos perceber no trecho abaixo:

A residência de José Maria Maranhense, na Rua São Pantaleão, uma meia-morada de bons cômodos regurgitava de gente...  
[...] Os que lá se achavam naquela gloriosa manhã eram pessoas de diversas classes sociais, desde o funcionário público e o homem de letras até artistas, operários livres, não faltando vagabundos e desclassificados. (MORAES, 1982, p. 27)

Além dessa famosa Rua de São Pantaleão os populares transitam com maior liberdade em outras ruas e becos que vão se apresentando ao longo da trama. Lugar-

comum nessas paisagens é o comportamento que o autor imprime ao povo nessas redondezas:

Foram eles os últimos que se retiraram ao lusco-fusco. Afastavam-se, subindo ou descendo, pela Rua do Desterro, os últimos embriagados daquela folia, enfraquecem a pouco e pouco os gritos, as imprecações, as cantorias balofas, desentoadas. O quitandeiro que acudiam à alcunha de Paletó Queimado, encostado ao umbral da porta com ar estúpido e cansado, observava os dois, que discutiam na ladeira, encostados à parede do lado da quitanda, um atrás do outro, sem interromperem o diálogo. Ao lado da quitanda se abria a porta estreita de um cortiço, onde a vizinhança corria à farta, ruidosamente estonteante (Idem, p. 43).

E como não poderia ser diferente, a vigilância constante sob as classes laboriosas e consideradas perigosas.

Tomava regularmente os seus pifões, mas eram águas calmas ou mortas, como dizia ele, que não escandalizavam a ninguém, num punham em movimento a policia. Suas águas começavam a encher às sete horas da manhã, serenamente, e iam até as onze ou às doze da noite, que era quando ele terminava os serões. (idem, p. 40)

4

Os conflitos, as brigas motivadas por bebedeiras eram noticiadas nos jornais diariamente. A elite pedia sempre a intervenção policial quando havia uma questão nas ruas por considerar estas classes de alta periculosidade. Era preciso mostrar que estavam sob a mira da disciplina e que as exaltações e pândegas estariam em constante vigília. Não apenas as brigas e bebedeiras eram vigiadas, bastava um popular circular num reduto inadequado à sua casta para que sua sombra fosse seguida por um representante da ordem pública.

O livro *Vencidos e Degenerados* é uma obra prenhe de quadros das mais diversas classes e em cujo diálogo revela-se o seu ritmo, suas intrigas, seus medos, e mecanismos de sustentação. Assim o quadro urbano-social de São Luis é pintado por meio do eco das várias vozes de sua gente. Percebemos que as ideias-imagens da Atenas Brasileira, do Mito da Singularidade, da Tradição e da Decadência estão reverberando nas falas, nos trejeitos dos personagens, cada um ao seu modo, percebendo a realidade (triste) da São Luis narcísica, prisioneira de sua vaidade.

Manoel Bonfim (2008) afirma que o subdesenvolvimento das colônias no contexto econômico, social e político têm sua raiz no processo colonizador. Em especial a América Latina que foi colonizada sobre a égide da escravidão. A falta de pensamento empreendedor, o sistema educacional débil foram as heranças que nossas metrópoles nos deixaram. E como herança, as ex-colônias absorvem-nas perpetuando as mesmas práticas viciosas. Todas as classes, diz Bonfim, incorporam o parasitismo, mas em nenhuma ele é mais visível quanto na classe superior. É assim que ocorre o parasitismo social responsável pela estagnação econômica e perpetuação de *status quo*, a “paralisia social”.

Esse quadro condiz com a realidade social que o autor de *Vencidos e Degenerados* apresenta. A crítica maior é contra o governo republicano que não tomou medidas apropriadas para vencer essa “paralisia social” que se instalara na cidade de São Luis.

É uníssono a crítica à administração portuguesa (devemos assinalar que esse sentimento não é foro privilegiado em São Luis, naquele início de século XX o sentimento de repulsa pelo estrangeiro, especialmente aquele que por tantos séculos fora seu dominador era recorrente no país), vez e outra uma personagem lamenta a não efetivação da colonização holandesa. Percebemos a imagem negativa com que a elite dos nacionais concebia o português: este só se preocupava consigo mesmo e a perpetuação de uma situação que lhe fosse favorável, um parasita parcimonioso que imprimia uma imobilidade. Na descrição das atividades profissionais, o autor de *Vencidos e Degenerados* aponta duas categorias: os vaidosos e os necessitados.

Os vaidosos são explicados a partir do desconhecimento do fato de que “os homens trabalham”, assim chamados pelo motivo de esses jovens pertencerem àquela casta privilegiada, acostumada a ser servida e sustentada pelo suor do escravo. Engajam-se na vida do trabalho, trabalho não-braçal é necessário dizer, por uma questão de status, uma posição social que lhe possa dar um “quê” de importância e distinção.

A outra categoria -os necessitados- é representada por aqueles que foram inseridos no seio social após a Abolição, mestiços e negros, habitantes de cortiços e que ainda crianças conhecem que é preciso muita luta, esforço para se viver.

O comércio é exclusividade do português, o bairro comercial naquele início do século XX parece denotar a decadência e a estagnação. Não há dinamismo, as ideias e práticas se revezam, não há um desenvolvimento dos “elementos essenciais à atividade do trabalho”. Por outro lado o autor faz uma importante revelação: O comércio ainda gerava algum lucro, pois a imagem de abandono e esgotamento por vezes era uma artimanha do comerciante para enganar os recolhedores de impostos. Como mostra Bonfim, o ibérico bitola-se a uma forma de ganhar dinheiro, e claro deve usá-la a seu favor, até exauri-la por completo.

O autor não apresenta o mínimo de benevolência para com o português. Este é o velhaco, fingido, arrogante e vigarista. O causador de todos os males da terra e de sua perpetuação. Por ser esse o tipo que ocupa os principais cargos administrativos atravanca pela mediocridade de ideias qualquer tentativa de mudança. O português é o retrogrado se auto-protege. No entanto as mudanças estão ocorrendo, ainda que num quase sem movimento. Aparecem já comerciantes de outra origem. São os turcos que vão se insinuando, no entanto tal situação conta, ainda que de malgrado, com o consentimento dos donos do comércio.

Vencidos e Degenerados, na sua intenção de conceber todo o quadro social ludovicense sugere a imagem geral de decadência moral e física. São Luis, uma cidade em tudo falsa, nos sonhos de grandeza, nas práticas cotidianas, na aspiração de cidade intelectualizada. Muitos estudiosos apontam a ostentação da elite como um subterfúgio para que não mergulhasse na amargura de saber-se derrotada, medíocre. Por isso gastar às turras com a imagem, da sua cidade e de si mesma.

Nobert Elias (2005) aponta um interessante dado ao traçar a trajetória do processo civilizador que se deu na França. Este, tendo terminado naquele país, deveria ser levado aos recônditos do mundo onde reinavam a barbárie no comportamento, no postar-se socialmente. É nesse sentido que a França torna-se o modelo do comportamento, das ideias, enfim. O Brasil tentou copiar o modelo europeu (francês) e como não poderia deixar de ser diferente, o Maranhão (São Luis) também. Em parte pelo intercâmbio de ideias que traziam os jovens da elite quando naquele país faziam seus estudos. Por outro lado havia um dado que a cidade julgava ser foro de privilégio seu: a Fundação Francesa de São Luis. Assim vai se cristalizando nos imaginários

sociais a ideia de singularidade somada a mais este detalhe, aqui não era apenas a terra daqueles grandes intelectuais que muito contribuíram para a configuração de uma identidade nacional, aqui, a única cidade francesa do país! Não nos deteremos nesse assunto, o que intentamos é mostrar a necessidade de se vencer o sentimento de fracasso, de inferioridade que o discurso da elite sobre si mesma denotava.

Encontraremos na descrição que o autor de *Vencidos e Degenerados* faz ao descrever uma festa de espanto uma mostra dessa sociedade em suas contradições e na consubstancialização de mais uma ideia-imagem que havia sobre essa terra e sua gente: sua hipocrisia. Melhor seria dizer mentira. Terra de mentiras. O primeiro a notar essa peculiaridade da elite do Maranhão foi o jesuíta Antonio Vieira, no seu Sermão do Quinto Domingo da Quaresma, onde diz que ao Maranhão entre as letras do alfabeto foi-lhe reservado o M e este lhe coube com perfeição: “M de mentira, M de maldizer...”. O Maranhão ainda apresenta uma particularidade, é uma terra de mentira sem mentirosos. Prega-se a virtude, mas denuncia-se a inescrupulosidade do outro. Vale lembrar que esse sermão foi uma resposta do jesuíta quando estava em debate com os dirigentes da província. Mas o que houve foi uma cristalização de que a mentira seria uma característica inerente ao maranhense. Wagner Cabral (2002) assinala que a literatura consolidou mais essa ideia-imagem na construção da identidade do maranhense. Assim todos se apresentam como alvos da maledicência, mas o maledicente não aparece. Na festa de espanto descrita em *Vencidos e degenerados* verificamos esse jogo social, o que significa que o autor pode ter absorvido a imagem do mentiroso ou a utilizou como meio de acentuar em mais esse ponto a crítica à elite e aos donos do poder da São Luis decadente.

A primeira imagem que o autor nos apresenta é a dos preparativos da festa. João Machado prepara tudo para que nada fique a desejar. Nesse momento revelam-se as fortunas, ao menos em aparência, o refinamento e gosto europeus são demonstrados pelas louças, pela decoração. Tudo para que não surgissem comentários sobre uma possível situação financeira desfavorável.

Verificamos os tipos que transitam na festa como os homens ilustres, embora decadentes, “arrotando” uma empáfia acadiana e destilando um pouco de veneno uns sobre os outros.

Este era o ponto nevrálgico: a elite era decadente, não havia dúvidas, mas não abria mão da ostentação, de mostrar-se opulenta, de enganar a se enganar com uma situação de virtual opulência. No entanto, havia um pacto de silêncio, claro até que surgisse uma oportunidade para se falar e jogar em face da decadência do outro.

Além do palco da farsa e do desmascaramento da farsa, é no baile (também nas *soirées*) que o Mito da Atenas se rejuvenesce, ou toma fôlego. No espaço do baile poetas decantam suas criações, mentes voltam-se saudosas para o tempo dos grandes homens do Grupo Maranhense. O jogo de interpretação de uma realidade continua, todos aplaudem ovacionam conforme a conveniência. No baile, os cidadãos demonstram sua sintonia com assuntos políticos, econômicos e culturais.

O quadro é rico nas representações da forma como a elite ludovicense se representava. Reproduzir suas práticas reanimava seus mitos e corroborava as ideias sobre si mesma, ideias que o autor não cansa de ironizar, de criticar.

O sentimento de fracasso perpassa o imaginário da elite, mas também do povo. O povo que fora logrado pelas promessas de liberdade e de transformação. Operários e artífices, impedidos de transitar nas altas rodas onde o sonho ateniense revivia, não deixam de viver e representar e representá-lo, como forma de ridicularizar os que se julgam os baluartes da tradição literária, e como um sintoma de que a ideia estava introjetada no imaginário da população como todo, o modo de refletir essa imagem literária mostrava-se um pouco diferente, mas nem tanto.

Na fala de Zé Catraia percebemos a tentativa do popular em simular a fala dos beletristas, ele mesmo afirmando não ser bom de gramática, mas que escutava bem e assim estava habilitado a falar conforme os homens doutos. Nos porões ou quartos escuros onde se realizavam as confraternizações dos populares após um dia de labuta recitam-se poesias de autoria anônimas, cantam-se versos, discute-se a conjuntura local e parafrasea-se o tratamento de ilustres.

A plebe ironizava ou desejava fazer parte daquele grupo seletivo? Deprendemos que a intenção do autor é mostrar o peso da tradição na formação dos imaginários locais, não havendo uma distinção de classe. Ela se enraizara entre a plebe e se esta debochava dos modos refinados e do vernáculo seria mais por um ressentimento por terem sido excluídos dessa prática social. Mas à sua moda viviam aquele mito.



Os populares não eram bestializados, isto a narrativa mostra, fosse por ouvir o cronista Olivier, bebendo sua doutrina ou por observar as práticas falsas de sua sociedade em todos os âmbitos, os populares tinham sua opinião e seu gosto. Apreciavam poesia, mas não dos “mortos insepultos” (GALDEZ, 2002). Gostavam do contemporâneo, e também há uma preferência por Sousândrade, fazendo a devida ressalva sobre sua popularidade e que o povo também possuía “bom gosto” para as letras.

A crítica maior do autor não é apenas contra os portugueses que provocaram a decadência econômica da cidade, mas aos intelectuais, figuras que julgava privilegiadas e responsáveis diretas pela introdução das ideias de progresso, e da sua execução. A intelectualidade, no entender desse autor escusava-se de seu dever cívico, negava-se em encabeçar o processo de mudança nessa sociedade tão sequiosa de transformação. Sabia-se das falhas nessa sociedade, mas nada se fazia para saná-las.

Este espaço é pequeno para abordar as diversas representações sociais que encontramos em Vencidos e degenerados, destacamos algumas que mais denotam uma verossimilhança com o contexto de início do século XX na capital maranhense. Nosso objetivo foi mostrar a possibilidade de se utilizar uma obra literária como objeto de investigação histórica das sensibilidades, dos problemas cotidianos, do imaginário, os sonhos não realizados observados e expostos através da pena de um sujeito historicamente localizado.

9

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. **A Ideologia Da Decadência**: leitura antropológica a uma História da agricultura do Maranhão. São Luis: IPES, 1983.

AZEVEDO, Aluizio. **O Mulato**. São Paulo: Editora Ática, 1992.

BONFIM, Manoel. **A América Latina**: males de origem. Rio de Janeiro: [S.N], 2008.

BORRALHO, José Henrique de Paula. **Terra E Céu De Nostalgia**: Tradição e Identidade Em São Luis do Maranhão. Assis: UNESP, 2000.

CORREIA, Maria da Glória Guimarães. **Nos Fios Da Trama**: Quem é essa mulher? Cotidiano e trabalho do operariado feminino em São Luis na virada do século XIX. Col. Teses e Dissertações. São Luis: EDUFMA, 2006.

VI Simpósio Nacional de História Cultural  
Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar  
Universidade Federal do Piauí - UFPI  
Teresina-PI  
ISBN: 978-85-98711-10-2

COSTA, Wagner Cabral da. **Ruínas Verdes**: tradição e decadência nos imaginários sociais. Cadernos de Pesquisa. São Luis, v. 12, n. ½, p. 79-105, 2002.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**. Vol. I. São Luis: Cia das Letras, 2005

FERREIRA, Márcia Milena Galdez. **Cidade-Serpente-Sarapintada-sem-rabo-nem-cabeça**: festa e cotidiano na terra da mentira. Departamento de História. UFMA. 2002.

MARTINS, Manoel de Barros. **Operários da Saudade**: Os neo-atenienses e a invenção do Maranhão. São Luis: EDUFMA, 2006, p. 59.

MÉRIAN, Yves. **Aluizio Azevedo vida e obra (1857-1913)**: o verdadeiro Brasil do século XIX. Rio de Janeiro: Editora espaço e Tempo, 1998.

MORAES, José Nascimento. **Vencidos e Degenerados e Contos de Valério Santiago**. São Luis: SECMA, 1982.

SEVCENKO, Nicolau. **A Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica, 1975.